Alien e Predador Versus LAMPIÃO

A batalha mais horripilante do universo

Adriano Albuquerque

Parnamirim RN, abril de 2010

Izaias Gomes de Assis

CHICO Editora

Autor: IZAÍAS GOMES DE ASSIS

A batalha mais sangrenta
Desde que nasceu Adão
Foi a maior do universo
E se deu com Lampião
Contra um Alien malfeitor
Junto com um Predador
Nas caatingas do Sertão.

Virgulino era um rapaz
Estreante no cangaço
Mas já demonstrava ter
Um peito feito de aço
Preste atenção, meu leitor,
Nessa história, por favor,
Que agora desembaraço.

Dizem que os extraterrestres
Visitam nosso planeta
Desde os tempos mais antigos
E na minha historieta
Eu irei fazer menção
Da briga de Lampião
Com dois filhos do capeta.

Virgulino descansava
A noitinha no Sertão
Junto com sua cambada
Limpando seu mosquetão
Quando de repente viu
Uma nave que surgiu
Fazendo um forte clarão.

Seus homens apavorados
Se esconderam num lajedo
Mas o jovem Virgulino
Quis descobrir o segredo
Sem temer assombração
Pegando seu mosquetão
Partiu pra cima sem medo.

Os seus cabras lhe disseram:
-Chefe, não iremos lá,
Aquilo é coisa do demo
O senhor se quiser, vá,
Com as coisas que advém
Lá das bandas do além
Não daremos nenhum chá.

Virgulino disse assim:
-Ou cabras frouxos lavados
Quando a volante chegar
Com seus soldados armados
Vai dá cabo de vocês
E os pegarão duma vez
Meus cangaceiros cagados.

Pensando no Padre Cícero
Foi pra perto do clarão
Com punhal, faca e pistola,
Segurando o mosquetão
Foi vê aquela mandinga
Que zoava na caatinga
Sacudindo até o chão.

Lampião ficou sem fala
Vendo um disco voador,
E um Alien muito ferido
Brigando com um Predador
Agarrados numa luta
Numa espacial disputa
De suspense e de terror.

Virgulino ajoelhou-se
Suplicando em oração
Pra Jorge, o santo guerreiro,
Deixar de lado o dragão
E vim da lua ajudá-lo
Montado no seu cavalo
Direto lá pro Sertão.

Virgulino se chegando
O Predador lhe avistou
Também lhe avistou o Alien
Que correndo o atacou
Lampião ajoelhado
Com o fuzil preparado
Pros monstros ele apontou.

Os dois monstros espaciais
Atacaram Lampião
Que descarregou depressa
As balas do mosquetão
Em cima dos dois danados
Que pinotaram pros lados
Sem rumo, sem direção.

Essa tremenda rajada
Que Virgulino meteu
Acendeu mais o clarão
Que os cabras do bando seu
Gritavam em disparada
Dentro da mata fechada
Pensado que ele morreu.

O Predador atirava
Contra-atacando também
Ficando às vezes invisível
Lampião sem vê ninguém
Atirava sem parar
Mas nada dele acertar
Naqueles monstros do além.

Acabando a munição
Lampião com muita fé
Partiu pra cima do bicho
Do nariz de chaminé
Que espirrava fogaréu
O monstrengo todo aréu
Parecia um chimpanzé.

Se agarraram os dois tiranos
Lampião e o Predador
Nisso o Alien por detrás
Num golpe avassalador
Furou o bicho mofino
Um olho de Virgulino
Causando-lhe forte dor.

Lampião caiu na areia
Rolando passando mal
O Alien pegou nosso herói
Pra dá um golpe cabal
Mas Lampião o furou
Com firmeza que deixou
Dentro dele seu punhal.

O monstro correu pra nave
Ringindo como um diabo
Lampião correu atrás
Com um facão, muito brabo,
Arremessando o facão
No espinhaço do bichão
Que ainda cortou-lhe o rabo.

Destravando o mosquetão
Lampião rapidamente
Recarregou e o armou
Atirando prontamente
No tal Alien ele acertou
Que o bicho chega peidou
Gás sarin abertamente.

Cada tiro que ele dava
Saía uma bala e meia
Disparando nove balas
No bichão da cara feia
Com seis disparos somente
O Alien caiu mortalmente
Ciscando e comendo areia.

O outro partiu pra cima
O tal monstro Predador
Enquanto o Alien morria
Peidando de tanta dor
Virgulino inda sangrando
Os dois foram se agarrando
Num duelo abrasador.

A briga ficou ferrenha
Nunca se viu nada igual
Arrancavam pau e pedra
Revirando o matagal
Quando pisavam no chão
Parecia um furacão
Desmanchando o pedregal.

O pedregal se fundia
Que as pedras viravam pó
Lampião dava e apanhava
Sufoco desse ele só
Viu e sentiu novamente
Quando o pobre imbecilmente
Quis invadir Mossoró.

Os dois derrubavam tudo
Atraídos como um ímã
Deixando todo arvoredo
Com as raízes pra cima
No meio daquele jogo
As pedras pegavam fogo
Esquentando mais o clima.

Lutaram a noite todinha
Atraídos mutuamente
O mato pegando fogo
Veja que batalha quente!
Isso estremecia o chão
Que até perturbava o Cão
No inferno terrivelmente.

O Cão com dor de cabeça
Não conseguia dormir
Com essas pancadas fortes
Só faltava o chão cair
E o Predador assassino
Lutava com Virgulino
Querendo lhe destruir.

Um fogo meio azulado
Espargia o Predador
Também ficava invisível
E nosso herói sem temor
Atirava sem parar
Até que pôde acertar
Na cara do malfeitor.

O bicho correu pra dentro
Da tal nave espacial
Lampião correu atrás
Usando seu arsenal
Faca, foice, canivete,
Mosquetão, até gilete,
No espinhaço do animal.

Virgulino meteu chumbo
Duas horas sem parar
No Predador e na nave
Que tentava decolar
O disco ficou zanzando
E Virgulino atirando
Explodiu ela no ar.

Explodindo aquela nave
Se apagou todo clarão
O matagal toda em chamas
E em brasas o mosquetão
Nosso herói caiu sentado
Extremamente cansado
Nas caatingas do Sertão.

Aquela forte explosão
Que destruiu o mofino
Observaram de longe
Os cabras de Virgulino
Não temendo nenhum risco
Correram pra lá Corisco
Ezequiel e Livino.

Mais uns cinco cangaceiros
Acompanharam esses três
Procurando o capitão
Que com sua impavidez
Os dois monstros derrotou
E de longe ele gritou:
- Acudam-me aqui vocês.

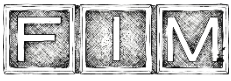
Um claro dum candeeiro
Na boca do mosquetão
Um dos cabras viu a luz
Com muita admiração
Pois de quente se fundia
E aquela luz reluzia
Parecendo um lampião.

O cabra exclamou dizendo:
-Eu achei o Virgulino
Os outros se aproximaram
Nessa hora eu imagino
Quando viram o mosquetão
Parecendo um lampião
Transbordaram de fascino.

E todos se aproximaram
Acudiram o capitão
Todo mundo fascinado
Vendo aceso o mosquetão
Alcunharam Virgulino
Gritando com desatino:
-Nosso chefe é Lampião.

Virgulino, Virgulino,
Ele agora é Lampião
Virgulino, Virgulino,
Ele é nosso capitão
Virgulino, Virgulino,
Esse cabra tão franzino
É o herói desse Sertão.

O Virgulino Ferreira
Afamou-se no Sertão
O terror dos sete matos
Não perdia uma questão
Todo mundo ouviu falar
Em todo e qualquer lugar
No temível Lampião.

Corriqueira no Nordeste
Essa história foi passando
E o povo inventando outras
A verdade foi mudando
E hoje é difícil provar
O que acabei de contar
Por isso estou terminando.

Um abraço pro leitor
Que gosta de ficção
Se você não botou fé
Nessa autêntica versão
Tome dois copos de fel
Só não rasgue esse cordel
Nem fale de Lampião.